



Iconografias da Branquitude: hierarquização racial na unidade “Reprodução Humana” do livro didático de Superação Ciências (PNLD/2024)

Diego Matos Araújo Barros

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

2023f0159@uesb.edu.br

TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

Este artigo analisa a manifestação da branquitude nas imagens do livro didático (LD)¹ de Ciências do 8º ano da coleção *Superação Ciências* (PNLD/2024), com foco na Unidade 3 — *Sistema Genital e Reprodução Humana*. A pesquisa, de natureza qualitativa e documental, utiliza 25 imagens distribuídas em 24 páginas, analisadas por meio de protocolo de codificação que considera tipologia da representação, gênero, raça/etnia, dimensão e elementos visuais. A análise articula leitura crítica de imagens (Kellner, 2013) à perspectiva decolonial, considerando conceitos como colonialidade do poder, do saber e do ser, epistemicídio e sub-ontologia do outro. Os resultados mostram que 71% das figuras humanas representam pessoas brancas, com maior dimensão e centralidade, enquanto 29% representam pessoas negras, em posições marginais ou invisibilizadas. Conclui-se que o currículo de Ciências reforça hierarquias raciais e de gênero, naturalizando a branquitude, e aponta para a necessidade de práticas educativas que promovam pluralidade epistemológica e justiça social.

Palavras-chave: Branquitude; Livro Didático de Ciências; Análise Decolonial.

Submetido em: 13/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

PONTO DE PARTIDA

Ensinar Ciências no Ensino Fundamental (EF) envolve o desafio de articular conhecimentos biológicos com dimensões sociais, culturais e éticas que atravessam o saber científico, muitas vezes pautado por uma lógica de “Ciência Hegemônica — eurocêntrica e branca” (Rosa; Alves-Brito; Pinheiro, 2020, p. 1442).

Ao longo de mais de 20 anos atua como professor de Ciências e Biologia na rede pública do interior do Ceará, observei que, mesmo diante de “avanços” curriculares e da incorporação de novas temáticas, os materiais didáticos continuam a reproduzir representações limitadas sobre corpo, gênero e raça (Silva, 2004; 2025; Silvério; Verrangia, 2021; Barros, 2024; Barros; Lopes, 2024). Essas ausências e silenciamentos refletem não apenas escolhas editoriais, mas também

¹ No texto, foram adotadas as seguintes siglas: **LD** — Livro Didático; **EF** — Ensino Fundamental; **PNLD** — Programa Nacional do Livro e do Material Didático; **CMC** — Ciência Moderna e Contemporânea; **ERER** — Educação para as Relações Étnico-Raciais.



estruturas de poder que moldaram a “Ciência Moderna e Contemporânea” (Rosa; Alves-Brito; Pinheiro, 2020).

No ensino de Ciências e Biologia, o corpo humano — frequentemente tratado como neutro — constitui um território privilegiado para observar como certos discursos de normatividade se consolidam. Nessa perspectiva, ao analisar as “representações” imagéticas de corpos (Hall, 2016), sobretudo nas unidades dedicadas à reprodução humana, torna-se possível revelar quais sujeitos são autorizados a ocupar o lócus de referência da humanidade.

Essa observação remete à noção de branquitude, entendida como um sistema, uma posição histórica e epistêmica de privilégios simbólicos e materiais que estabelece padrões de beleza, saúde e normalidade, à luz da identidade branca (Frankenberg, 2004; Schucman, 2020, Schwarcz, 2024).

A análise dessas imagens, entendidas como parte de um “arquivo” (Foucault, 2014; 2008), permite desvelar como a “colonialidade do poder” (Quijano, 2005), do ser (Maldonado-Torres, 2007; 2023) e do saber (Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007), endereçados à escola, continua a operar por meio da materialidade imagética presentes nos LDs.

Partindo da perspectiva de que “as imagens são documentos que falam” (Schwarcz, 2024, p. 13) e produzem discursos culturais sobre os corpos, compreendemos que as representações, vêm, histórica e socialmente, construindo modos de ver e significar os corpos humanos na contemporaneidade (Hall, 2016; Jameson, 2004) — neste caso, no contexto do ensino de Ciências e Biologia.

Considerando que não há práticas discursivas fora das relações de poder (Foucault, 2023), esta pesquisa tem por objetivo compreender como a branquitude se manifesta, se oculta ou se naturaliza nas imagens que compõem a Unidade 3 — *Sistema Genital e Reprodução Humana* — do LD *Superação Ciências*, destinado ao 8º ano (PNLD/2024) do EF da rede municipal de educação da cidade de Itapiúna (CE).

A análise imagética desta pesquisa ancora-se, prioritariamente, nos estudos decoloniais, nos estudos críticos da branquitude e nos estudos culturais na perspectiva do artefato cultural. Dialoga, ainda, com as categorias dos estudos



étnico-raciais e na analítica crítica da imagem, inspirada na leitura de Douglas Kellner (2013).

A investigação orienta-se pelas seguintes questões norteadoras: (1) *De que forma a branquitude se expressa ou se dissimula nas imagens da unidade analisada?* (2) *Que estratégias imagéticas contribuem para a construção de um ideal de corpo humano branco e heteronormativo?* (3) *Qual a frequência e a dimensão média de pessoas brancas e negras presentes neste artefato cultural?*

ITINERÁRIO INVESTIGATIVO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa (Creswell; Creswell, 2021) e documental (Cellard, 2008), analisa o LD de Ciências do 8º ano, especificamente o manual do professor da coleção *Superação Ciências*, (PNLD/2024), adotado pelo município de Itapiúna (CE). O material selecionado por sua relevância nacional e por integrar o conjunto de LDs utilizados no EF local, o que possibilita compreender práticas, sentidos e estruturas de poder racial que atravessam o cotidiano escolar.

Buscamos compreender como as estruturas de poder racial se reproduzem ou se silenciam nos discursos escolares, a partir das perspectivas pós-críticas e decoloniais (Meyer; Paraíso, 2012; Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2023). Neste estudo, o LD é compreendido como artefato cultural (Bandeira; Velozo, 2019) que molda identidades e produz formas de conhecimento (Jameson, 2004). Assim, análise constitui um gesto epistemológico voltado para evidenciar as dinâmicas de poder racial presentes nos discursos escolares.

Delimitamos como *corpus* empírico a Unidade 3 — *Sistema Genital e Reprodução Humana* — da coleção *Superação Ciências* (PNLD/2024). Foram selecionadas as imagens que continham representações humanas cabeça e tórax, a fim de possibilitar a identificação aparente de gênero e raça. Foram analisadas 25 imagens distribuídas em 24 páginas. A coleta e a organização das informações ocorreram em setembro de 2025, conforme os princípios da análise documental de Cellard (2008), que orienta a contextualização, a crítica e a interpretação de fontes documentais.



Para sistematizar as leituras e garantir consistência interpretativa, elaboramos um protocolo de codificação destinado ao registro das informações de cada imagem analisada. O instrumento contemplou os seguintes campos: número da imagem, página, tipologia de representação (fotografia, desenho ilustrativo ou arte), raça/etnia e gênero, dimensão (altura em centímetros), elementos visuais de destaque e observações interpretativas.

A aferição da categoria raça/etnia baseou-se nos pressupostos da heteroidentificação — identificação realizada por terceiros —, que considera a pertença étnico-racial de um indivíduo (Rodriguez, 2008). Como critério de análise, foram adotados os marcadores fenotípicos como a cor da pele; traços faciais (nariz e lábios) e tipo de cabelo. As medidas foram obtidas com as ferramentas da Symbolab (calculadora estatística online) e régua flexível de 30 cm, o que permitiu calcular as médias e as proporções das representações.

Para a leitura das imagens, adaptamos a proposta de leitura crítica de imagens de Kellner (2013), articulando-a a perspectiva decolonial. O procedimento de análise foi conduzido em três etapas interdependentes:

- ✓ (1) quantificação e identificação: levantamento e registro das representações humanas, contabilizando a frequência de pessoas negras e brancas, bem como o tipo e a dimensão média das imagens.
- ✓ (2) descrição e contextualização: observação do que é visível em cada imagem — posição, enquadramento, centralidade, expressões etc —, buscando compreender como o artefato cultural organiza visualmente os corpos e naturaliza hierarquias.
- ✓ (3) interpretação crítica: análise dos discursos imagéticos a partir de uma analítica da colonialidade, sustentada pelos estudos críticos da branquitude (Schucman, 2020; Frankenberg, 2004), do epistemicídio (Carneiro, 2005), do discurso (Foucault, 2008, 2014, 2023), do memoricídio (Báez, 2010), representação em Hall (2016) e do racismo (Guimarães, 2023).

É importante destacar que reconhecemos as limitações do estudo. Ao concentrar-se em apenas uma unidade de um LD de Ciências, não se pretende



generalizar os resultados para toda coleção ou outros contextos escolares. Sua relevância reside na profundidade analítica do recorte, capaz de evidenciar dinâmicas de poder racial, tensionar silenciamentos e contribuir para uma reflexão crítica sobre os processos de escolarização e de produção de identidades.

MANIFESTAÇÃO OU OCULTAMENTO DA BRANQUITUDE NAS IMAGENS DA UNIDADE 3 – SISTEMA GENITAL E REPRODUÇÃO HUMANA?

Esta seção apresenta os resultados quantitativos e qualitativos da análise da colonialidade nas imagens da Unidade 3 – *Sistema Genital e Reprodução Humana*, do LD de Ciências do 8º ano da coleção *Superação Ciências* (PNLD/2024), adotado pelo município de Itapiúna (CE). O objetivo é compreender como a branquitude se manifesta, se oculta ou se naturaliza nesse artefato cultural.

Racismo e Normatividade da Branquitude em Números

A análise das representações humanas revelou que, entre as 25 imagens distribuídas em 24 páginas, 80% eram desenhos ilustrativos e 20% fotografias. Essa predominância de desenho indica, nos termos de Foucault (2014; 2023), a operacionalização de um “dispositivo”² de controle da representação, do currículo e das práticas pedagógicas — um exemplo da colonialidade da visão.

Quanto à distribuição racial e de gênero, das 45 ocorrências³ da figura humana, 71% (32 imagens) correspondiam a pessoas brancas — 14 homens e 18 mulheres —, e 29% (13 imagens) as pessoas negras — 8 homens e 5 mulheres. Essa disparidade evidencia a super-representação da branquitude, o sexismo e a naturalização da norma branca, como destacam Frankenberg (2004), Schucman (2020), Schucman e Conceição (2023) e Schwarcz (2024).

A taxa de branquitude foi de 2,46, indicando que, para cada imagem de pessoa negra, havia aproximadamente três de pessoas brancas. O tamanho

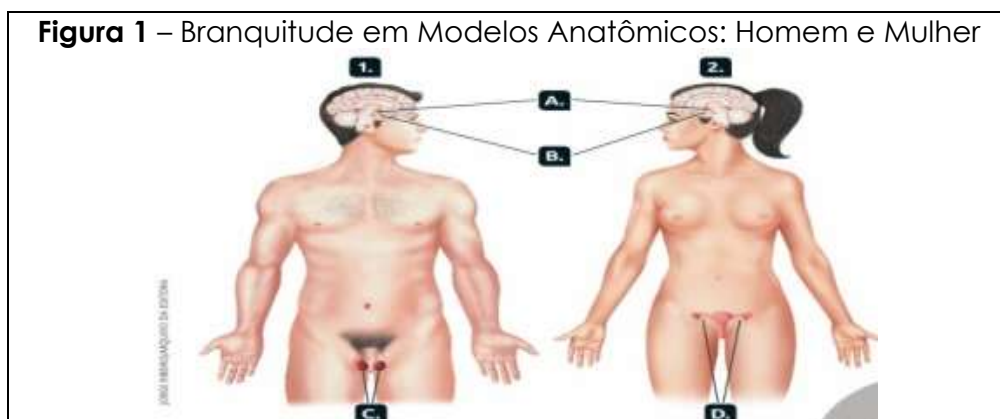
² Compreendemos “dispositivo”, na perspectiva foucaultiana (2014), como uma rede heterogênea que articula discursos, práticas institucionais, normatividades, disposições espaciais e mecanismos de poder.

³ Refere-se à frequência relativa das representações imagéticas de pessoas negras e brancas na unidade analisada.

médio das imagens também refletiu essa desigualdade: 8,67 cm para pessoas brancas e 4,6 cm para pessoas negras, com desvios-padrão de 2,63 e 0,49, respectivamente. Esses dados demonstram a persistência da colonialidade do ser (Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007) e do poder (Quijano, 2005), evidenciando uma “política da imagem” (Hall, 2016) que sustenta a centralidade simbólica da branquitude (Frankenberg, 2004; Schucman, 2020; Schucman; Conceição, 2023).

Lendo Criticamente as Imagens

Diante da predominância de imagens de corpos brancos, selecionamos uma imagem ilustrativa (Figura 1) para análise aprofundada. A figura apresenta dois corpos brancos nus — masculino e feminino — dispostos frente a frente, centralizados na página 138, com altura de 13 cm. Linhas conectam o cérebro aos órgãos genitais, enquanto letras (A, B, C, D) identificam partes anatômicas. Trata-se de um desenho ilustrativo contemporâneo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2025), Coleção *Superação Ciências* (PNLD/2024) – Unidade 3 do 8º ano.

Embora aparentemente científica e neutra, essa imagem, reproduz normas eurocêtricas de corpo e conhecimento. O corpo branco se apresenta como padrão universal de humanidade, beleza e cientificidade, enquanto corpos negros e outros saberes são apagados — um exemplo de “epistemicídio” (Carneiro, 2005) e da “colonialidade do saber” (Quijano, 2005; Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007).

O posicionamento central, a simetria e o enquadramento reforçam em nossa perspectiva, a autoridade do conhecimento biomédico eurocêntrico. Além disso, observa-se a invisibilidade de mulheres negras e a naturalização da cis-heteronormatividade, evidenciando a articulação entre as colonialidade do



poder (Quijano, 2005), do saber (Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007) e do ser (Maldonado-Torres, 2023), estendendo-se a colonialidade de gênero (Lugones, 2014).

A análise demonstra que a presença de corpos brancos no LD não é neutra: ela legitima hierarquias raciais, consolida padrões de cientificidade eurocêntrica e sustenta a branquitude como norma. O apagamento dos corpos e saberes de pessoas negras, indígenas, quilombolas e ciganas expressa no nosso entendimento, não apenas desigualdade simbólica, mas negação ontológica, configurando uma sub-ontologia do outro (Maldonado-Torres, 2007).

Mesmo quando as imagens de pessoas negras aparecem, sua frequência e dimensão indicam uma inclusão simbólica limitada, muitas vezes respondendo, em nossa perspectiva, mais a exigências legais do que a um compromisso efetivo com a descolonização curricular. Assim, essas representações reforçam a lógica do universalismo branco — “universalismo abstrato” — um particularismo que “se estabelece como hegemônico e se apresenta como desincorporado, desinteressado e sem a qualquer localização geopolítica” (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2023, p. 13), tornando visível a continuidade do projeto colonial nas práticas educativas e na produção de identidades.

Os dados quantitativos e qualitativos confirmam que, na Unidade 3, a branquitude se manifesta de forma explícita e naturalizada, enquanto a diversidade é minimizada ou silenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM PONTO DE PARTIDA PARA NOVAS QUESTÕES?

A análise das imagens da Unidade 3 — *Sistema Genital e Reprodução Humana* — do LD *Superação Ciências* evidencia que a branquitude se manifesta de maneira explícita, naturalizada e reguladora, enquanto corpos racializados — especialmente pessoas negras e mulheres — permanecem sub-representados ou invisibilizados.

Constatou-se que 71% das figuras humanas representam pessoas brancas, com média de altura de 8,67 cm, enquanto 29% correspondem a pessoas negras,



com média de 4,6 cm. A taxa de branquitude⁴, de 2,46 e um desvio-padrão de 2,63 (para pessoas brancas) e 0,49 (para as pessoas negras) reforçam quantitativamente a desigualdade representada. Esses dados dialogam de forma consistente com a análise qualitativa, evidenciando que a predominância de corpos brancos — geralmente posicionados no centro das páginas, com simetria e destaque — reforça sua autoridade e legitimidade.

As estratégias imagéticas observadas — centralidade, simetria, maior dimensão das representações de pessoas brancas, predominância de desenhos ilustrativos e fundos neutros — contribuem para consolidar um ideário de corpo humano branco e heteronormativo. Em contraponto, a escassez e a marginalização das imagens de pessoas negras, indígenas, quilombolas e ciganas indicam um apagamento intencional ou naturalizado, configurando o que os estudos decoloniais definem como “colonialidade do poder, do saber, do ser” (Quijano, 2005; Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007; Maldonado-Torres, 2023) e memoricídio (Báez, 2010).

Esse panorama demonstra que a representação imagética no currículo de Ciências está longe de ser neutra: ela reproduz hierarquias raciais e de gênero, legitima a centralidade e os privilégios simbólicos e materiais da branquitude (Schucman, 2020) e sustenta padrões universais de cientificidade eurocêntrica. A presença pontual de diversidade racial, quando existente, parece responder mais a exigências legais do que a um compromisso ético, honesto e efetivo com a descolonização curricular, configurando uma inclusão simbólica limitada.

Em suma, os achados desta pesquisa evidenciam que o currículo de Ciências atua como espaço de reprodução da colonialidade, produzindo efeitos epistemológicos, simbólicos e ontológicos que privilegiam corpos e saberes brancos. A compreensão dessas dinâmicas é fundamental para orientar práticas educativas que promovam visibilidade, pluralidade epistemológica e justiça social e racial, constituindo-se em um passo essencial na descolonização do currículo

⁴ A taxa de branquitude na coleção investigada foi calculada pela razão entre o número total de personagens brancos e o número de personagens negros identificados visualmente na unidade.



escolar e para a construção de uma educação científica inclusiva, crítica e antirracista.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luís. **Livro didático como artefato cultural**: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. *Ciência & Educação* (Bauru), v. 25, n. 4, p. 1019-1033, 2019. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190040011>.

BARROS, Diego Matos Araújo; SOUZA, Marcos Lopes de. Mapeando raça, etnia, racismo e branquitude nos livros didáticos de Ciências e Biologia: ênfases e lacunas (2014-2024). In: **Anais do X Encontro Nacional de Ensino de Biologia & VII Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 4 (MG/GO/TO/DF)**, 2024. <https://publicacoes.sbenbio.org.br/eventos/ixenebio/>.

BARROS, Diego Matos Araújo. **Na Perspectiva da Afrocentricidade**: desvelando o espaço escolar através dos olhos da pessoa negra - uma investigação das representações imagéticas em livros didáticos de Ciências, Capistrano (CE) - Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino e Formação Docente). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

CRESWELL, J. W; CRESWELL, J. D. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Trad. Sandra M. M. da Rosa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri; Puc Rio, 2016.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: uma lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco e Iná Camargo Costa. São Paulo: Ática, 2004.



KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: Em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 101-127.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MICHAEL, Foucault. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MICHAEL, Foucault. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2023.

RODRIGUEZ, C. **Against Individualized Consideration'**. Indiana Law Journal, v. 83, 2008.

ROSA, Katemari; ALVES-BRITO, Alan; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [S. l.], v. 37, n. 3, p. 1440–1468, 2020. 10.5007/2175-7941.2020v37n3p1440.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2004. 112 p.

SILVÉRIO, Florência Freitas; VERRANGIA, Douglas. O cientista é um homem branco ocidental: Uma análise de livros didáticos de Biologia. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 332–360, 2021.

SCHUCMAN, Lia. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SCHUCMAN, Lia; CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Branquitude. In: RIOS, Flávia; DOS SANTOS, Marcio André; RATTI, Alex. (orgs.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1.ed, São Paulo: Petrópolis, 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da Branquitude**: presença da ausência. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.